



**CIRCUITO PENEDO DE CINEMA.
5ª EDIÇÃO ESPECIAL DE CINEMA.
APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS CIENTÍFICOS.
FICHA TÉCNICA DO EVENTO.**

Organizadores

ARAÚJO, Sérgio Onofre Seixas de; SANTOS, Karlinne Lianne Cordeiro e SILVA, Jorge André Paulino da.

Comissão Científica - Edição 2017

Dra. Ana Flávia Ferraz (ICHCA/UFAL);
Dr. Carlos Eduardo Japiassu (PPGC/UFS);
Dr. Claudio Luís Santos Sampaio (UFAL/Penedo);
Dr. José dos Anjos Junior (UFAL/Penedo);
Dr. Mac Dawson Buarque Lins Costa (UFAL/Penedo);
Dr. Melchior Carlos do Nascimento (IGDEMA/Ufal);
Dr. Ricardo Fernando Ferreira Lessa Filho (UFPE);
Dra. Taciana Kramer de Oliveira Pinto (UFAL/Penedo);
MSc. Antonio Carlos Leal de Moraes (Faculdade Casper Líbero)
MSc. Karlinne Lianne Cordeiro Santos (Faculdade Raimundo Marinho de Penedo);
MSc. Nataska Conrado (Ideário)
MSc. Sérgio Onofre Seixas de Araújo (CAC e Ufal/Penedo);

Comissão Científica - Edição 2018

Dr. Carlos Eduardo Japiassu (PPGC/UFS);
Dr. José dos Anjos Junior (UFAL/Penedo);
MSc. Antonio Carlos Leal de Moraes (Faculdade Casper Líbero)
MSc. Karlinne Lianne Cordeiro Santos (Faculdade Raimundo Marinho de Penedo);
MSc. Sérgio Onofre Seixas de Araújo (CAC e Ufal/Penedo);

Comissão Científica - Edição 2019

Dr. Carlos Eduardo Japiassu (PPGC/UFS);
Dr. Bertrand de Souza Lira (PPGC/UFPB);
MSc. Karlinne Lianne Cordeiro Santos (Faculdade Raimundo Marinho de Penedo);
MSc. Luciana Oliveira Vieira (PPGS/UFS)
MSc. Nuno Camilo Balducci Lindoso (Realizador)
MSc. Sérgio Onofre Seixas de Araújo (CAC e Ufal/Penedo);
MSc. Yanara Cavalcanti Galvão (UFS)

Comissão Científica - Edição 2020

Dr. Bertrand de Souza Lira (PPGC/UFPB);
MSc. Karlinne Lianne Cordeiro Santos (Faculdade Raimundo Marinho de Penedo);
MSc. Maysa Santos da Silva (Realizadora)
MSc. Sérgio Onofre Seixas de Araújo (CAC e Ufal/Penedo);
MSc. Yanara Cavalcanti Galvão (UFS)

Comissão Científica - Edição 2021

Dr. Carlos Eduardo Japiassu (PPGC/UFS);
Dr. Bertrand de Souza Lira (PPGC/UFPB);
Dr. José dos Anjos Junior (UFAL/Penedo);
Dra. Raquel do Monte (COS/Ufal);
Dr. Ricardo Fernando Ferreira Lessa Filho (UFMG);
MSc. Karlinne Lianne Cordeiro Santos (Faculdade Raimundo Marinho de Penedo);
MSc. Maysa Santos da Silva (Realizadora);
MSc. Sérgio Onofre Seixas de Araújo (CAC e Ufal/Penedo);
MSc. Yanara Cavalcanti Galvão (UFS)

PROEX
Pró-reitoria de Extensão



EDITORIAL

A Edição Especial “CIRCUITO PENEDO DE CINEMA”, através da Revista Extensão em Debate, retorna após uma breve interrupção decorrida de uma série de fatores, dentre os quais, diversas dificuldades operacionais decorrentes, principalmente, a contingenciamentos e cortes orçamentários sofridos pela Universidade nos últimos dois biênios.

Ademais, somadas a esse fato, certas correntes políticos-ideológicas no País que contribuíram a uma práxis e ao fortalecimento de discursos de anti ciência, de anti educação e de anti cultura, houve, também, o período pandêmico que incidiu, fortemente, para a ocorrência da breve interrupção das edições especiais de Cinema no periódico nos últimos dois anos.

Como uma nova aurora que surge, apesar do contexto alhures, a 5ª EDIÇÃO ESPECIAL DE CINEMA, além de retomar textos apresentados nas edições dos encontros realizados entre os anos de 2017 a 2021, traz produções com uma forma revestida e conjunta com outros importantes significados. De um lado, reafirma a necessária publicização e a garantia do amplo acesso à produção do saber construído e veiculado por estudantes e pesquisadores das áreas do Cinema, das Artes e das Linguagens de todos os cantos do Brasil.

Doutra parte, a EDIÇÃO marca e celebra a possibilidade de dias melhores a partir de 2023, como uma “virada de chave”, concomitante a um contexto perspectivo com a ascensão de novos ideais políticos pedagógicos em que Educação, Ciência e Cultura voltam a ser prioridade na pauta política nacional brasileira.

Em definitiva, esta Edição também se dar em um contexto que reinaugura a volta dos eventos culturais ao formato presencial, ampliando os espaços de troca e sociabilidade, momentos insubstituíveis e de contatos necessários à práxis humana.

Ao apresentar essa nova edição especial on-line, a organização do Encontro de Cinema Alagoano, em forma preambular, lamenta as perdas irreparáveis de pessoas durante a pandemia da COVID-19, ocorridas no último biênio, ao mesmo tempo em que conclama a todas as gerações a perseguirem na construção de um Brasil cada vez mais igualitário, mais justo e mais fraterno, tendo, dentre outros, a Educação, a Arte e a Cultura como elementos construtores para aqueles pilares.

Diacronicamente, ressalta-se ter sido a partir das edições do Circuito Penedo de Cinema ter surgido o evento chamado Encontro de Cinema Alagoano, dentro do qual se há dado, dentre outras atividades, a realização da apresentação de trabalhos acadêmicos tematizados com o Evento, os quais, após processo de editoração, são publicados através de edições especiais na Revista Extensão em Debate.

Este evento, que a cada ano se consagra, em 2022, trilha a sua 12ª edição como um processo ininterrupto, sinônimo de fortalecimento, de ânimos e de resistência de todas as pessoas envolvidas neste grande “circuito da arte cinematográfica”, no Estado de Alagoas. Neste processo de retomada das atividades presenciais, em atenção aos vários trabalhos selecionados, a compilação desta 5ª edição publicada, apresenta-se para além de um simples amontoado de textos, a ser considerada uma reconstrução e estímulo ao que está por vir.

A edição de 2017, no quesito sessão de apresentação de trabalhos acadêmicos, seguiu o mesmo formato dos encontros anteriores, admitindo-se a submissão de dois formatos diferentes de comunicações: artigos (entre 12 e 15 páginas) e resumos expandidos (entre 05 e 06 páginas). A chamada possibilitou um amplo espectro de temas e de abordagens de pesquisa, aos cuidados de uma Comissão Científica Própria do Evento a qual selecionou, avaliou e ordenou todos os textos apresentados. A seguir, são dadas pequenas informações preliminares acerca das temáticas tratadas em cada produção textual publicada nesta edição. São textos apresentados durante as edições de 2017 a 2020.

Maysa Santos da Silva, autora do texto **“A PRODUÇÃO DE CURTAS-METRAGENS DE GÊNERO EM ALAGOAS: A IMPORTÂNCIA DA VISIBILIDADE DA FALA DAS PERSONAGENS MULHERES NA MOSTRA SURURU”**, aborda o cinema como espaço de representação e visibilidade feminina. Partindo da análise dos três curtas-metragens, premiados na Mostra Sururu de Cinema Alagoano em 2016, “Sangue-Mulher”, “Wal Kavalga” e “Wonderfull”, filmes que trazem mulheres como protagonistas e promovem o espaço de fala para a discussão de gênero, são focados temas como violência, transexualidade e prazer feminino. Reflete sobre como estas obras conjecturam o empoderamento das mulheres e ainda trazem à baila a discussão sobre o lugar da mulher na sociedade.

Aurora Almeida de Miranda Leão segue na mesma trilha, com texto intitulado ***A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO CINEMA E A REAFIRMAÇÃO FÍLMICA DO PROTAGONISMO FEMININO.*** Partindo do documentário “Desarquivando Alice Gonzaga (DAG)”, arte roteirizada e dirigida pela

cinasta Betse de Paula, a autora busca demonstrar como os elementos da estrutura expressam as narrativas através de construções discursivas sobre a realidade.

Ainda na perspectiva de gênero, o texto “**EMPODERAMENTO: DE PRINCESA A REBELDE**”, escrito por Graciela de Oliveira Mota, Vanessa Silva Cavalcante e Karlinne Laianne Cordeiro Santos, traz análise sobre a influência que os desenhos animados possuem na formação e na formatação de comportamentos e valores sociais, reproduzindo o típico papel da “mulher frágil”.

As autoras do texto acima afirmam que essa perspectiva é fruto de uma construção machista, enraizada desde os primeiros anos de vida das crianças e que, conviventes com tais imagens, importante instrumento de formação da identidade, os infantes crescem com essa ideia da “mulher frágil” (princesa ou heroína sensual), em contraposição à imagem do homem forte, viril e príncipe salvador e protetor. São imagens que reforçam os estereótipos, potencializam as desigualdades sociais de gênero e que trazem consequências não só para as mulheres, como também para a sociedade.

A questão indígena é tratada por Adriano Cabral da Silva em “**FAZENDO UMA ETNOGRAFIA VISUAL ENTRE OS TINGUI BOTÓ/AL**”. É um trabalho resultante de uma pesquisa realizada na aldeia Tinguí Botó em Feira Grande/AL, entre 2016 e 2017. Retrata a realização do cinema naquela comunidade como forma de divulgar e disseminar a cultura local e também outras. Durante a pesquisa, o autor produziu vários vídeos tanto do cotidiano da comunidade como também de relatos de entrevistas que abordam as lutas, os sofrimentos e as conquistas do povo guerreiro Tinguí Botó.

Em **INTACTA RETINA: CINEMA, EDUCAÇÃO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias, João Batista Menezes Bittencourt e Marina Rebeca de Oliveira Saraiva nos trazem um relato de experiência do projeto de extensão de mesmo nome, iniciado em 2009 na Universidade Federal de Alagoas e que parte de uma reflexão do cinema como experiência estética e das articulações entre educação e a linguagem cinematográfica.

A pesquisadora Raquel do Monte traz em suas “**NOTAS SOBRE IMAGENS-PASSAGENS: O ENSAÍSMO NO CINEMA CONTEMPORÂNEO**” elementos de uma busca sua sobre pensar o ensaio como uma forma de inscrição na cultura audiovisual utilizando como recursos de exploração a contemplação e, em seguida, a reflexão em torno de o corpo, suas formas e presença nos meios de comunicação do mundo pós-industrial. O ponto de partida para a formação do conjunto epistêmico é o texto “O filme-ensaio: desde Montaigne e depois de Marker”,

de Timothy Corrigan e a observação e a análise da “Trilogia da Solidão” do cineasta e artista brasileiro Cao Guimarães. A autora busca compreender, segundo um pensamento pós-estruturalista, de que modo a escritura ensaística possibilita a existência de um produto audiovisual que escape do paradigma representacional e converge para o regime sensível intitulado lógica da sensação (DELEUZE, 2007). Sobre esse aspecto, pensar o Cinema é dar-se conta também das potencialidades, linhas de força, cartografias e temporalidades que advêm do processo de criação e de materialidade do que a crítica convencionou chamar de filme-ensaio. Em definitiva, a autora tenta responder à seguinte questão: como o filme-ensaio pode traduzir formas-pensamento no mundo contemporâneo?

Em seguida, Roseane Monteiro Virginio nos apresenta “**ROBERT ROSENSTONE E OS CINEASTAS-HISTORIADORES**”, uma abordagem a respeito da possibilidade dos cineastas escreverem a História a partir das suas obras fílmicas, ou seja, de cineastas como historiadores. Essa maneira de se produzir História tem as suas peculiaridades e suas regras de representar e de lidar com o passado histórico.

Osvaldo Luiz Emery, Janaína Guedes Monteiro Evangelista e Silvana Lumachi Meireles nos trazem uma análise sobre a política pública do audiovisual da Secretaria de Cultura de Pernambuco através do texto “**AUDIOVISUAL EM PERNAMBUCO: NOTAS SOBRE O PROGRAMA CINE DE RUA.**” Nessa produção, os autores discutem a eficácia e os limites da política executada, por meio do Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura). Afirmam que mesmo com a ampliação dos recursos públicos, observa-se uma maior concentração na produção, em detrimento dos demais elos da cadeia do audiovisual. Resulta no aumento de obras produzidas no Estado, potencializado pelos investimentos do fundo de fomento. Todavia, persiste numa ampliação de dificuldades de escoamento dessa produção em virtude desde problemas de escassez de equipamentos culturais, de salas de cinema, principalmente, na maior parte dos municípios de Pernambuco. Desta forma, estabelecer uma política pública de difusão audiovisual direcionada aos cinemas de rua é o foco do Programa Cine de Rua, desenvolvido pela Secult, em parceria com instituições municipais, estaduais, federais, internacionais e com os Conselhos Estaduais de Políticas Culturais e do Audiovisual, além de movimentos da sociedade civil.

Ainda na edição 2017, três artigos foram apresentados naquela edição do Circuito Penedo de Cinema. O primeiro, intitulado “**ANALOGIAS ENTRE GESTO E CORPO,**” de Igor Alexandre Capelatto, traz reflexões a partir de Flusser, Agamben, Brecht, Benjamin, Bonfatto e Peres acerca da comunicação através do gesto e sua importância no cinema (e no teatro). Busca identificar,

ainda, suas instâncias enquanto conceito e forma em o corpo, a fim de estabelecer analogias entre gesto e estrutura corporal, uma vez que aquele é representado imageticamente através deste (de um ator ou personagem). Em definitiva, o autor investiga como se dá essa manifestação do gesto a partir do corpo num análise das obras *Blow Up* (ANTONIONI, 1966), *A Bela da Tarde* (BUÑUEL, 1967), *2001 - Uma Odisseia no Espaço* (KUBRICK, 1968), *Precisamos falar sobre Kevin* (RAMSAY, 2011) e *O Planeta dos Macacos: a origem* (WYATT, 2013).

O segundo texto da edição de 2017, de Nuno Camilo Balduce Lindoso nos apresenta, em **“UMA REFLEXÃO ANTROPOLÓGICA SOBRE MEMÓRIA URBANA A PARTIR DO FILME FEBRE DO RATO”**, uma breve análise da representação da cidade do Recife no filme *“Febre do Rato”* (2011), dirigido pelo cineasta Cláudio Assis e roteirizado por Hilton Lacerda, ambos pernambucanos. Objetivou o autor uma descrição e interpretação dos modos de viver e de experimentar a cidade que se apresenta no filme, de forma a refletir sobre como as narrativas fílmicas apresentam as relações sociais urbanas e como podem contribuir para o “pensar cidadão”.

Ainda com o olhar nas relações entre o Cinema e o Urbano, Maria Viviane de Melo Silva, em **“PERCEPÇÕES DA CIDADE: BREVE REFLEXÃO À LUZ DAS SALAS DE CINEMA EM PALMEIRA DOS ÍNDIOS (1950-1960)”**, trabalho desenvolvido a partir da disciplina “Tópicos especiais em Cultura, Memória e Identidade”, no Programa de pós-graduação da Universidade Federal de Sergipe (2016), buscou realizar uma análise das relações estabelecidas entre as salas de cinema e a cidade, partindo do caso singular de Palmeira dos Índios, cidade do interior de Alagoas. O cinema que se fez presente de maneira mais intensa nos anos 1950 e 1960 na referida cidade é analisado a partir da ótica de teóricos como Gordon Cullen, Ana Fani, Sandra Pesavento, Eder Donizeti, que possibilitam concatenar ideias que se interligam dentro do contexto na cidade, no que concerne à história.

O último texto apresentado na edição de 2017 é de Ellen de Sant’Ana Meireles. Intitulado **“FUNCULTURA AUDIOVISUAL DE PERNAMBUCO, DESAFIOS DA ACESSIBILIDADE,”** nele se reflete sobre a política cultural de fomento ao audiovisual desenvolvida e implementada pelo Governo pernambucano, uma análise pela ótica dos direitos culturais e dos direitos da pessoa com deficiência. Como maior instrumento de financiamento de produções culturais independentes no Estado de Pernambuco, o Funcultura (Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura) se reveste de especial importância para a garantia desses direitos. Assim, partindo de uma pesquisa de característica exploratória, objetivou-se analisar, por uma abordagem quantitativa, os projetos

apoiados nos anos de 2007 a 2015 quanto à inclusão da pessoa com deficiência como público beneficiado por esse Programa.

Nos trabalhos apresentados na edição do Circuito Penedo de Cinema, ano 2018, a partir do texto **“A DIREÇÃO DE ARTE EM CURTAS METRAGENS DE FICÇÃO CIENTÍFICA: PROCESSO DE CRIAÇÃO E CONCEITO VISUAL DO FILME VALE DO VENTO ETERNO”**, Ana Paola Siqueira e Michelle Ferrer são as autoras que nos permitem viajar pelo processo criativo do filme *“Vale do Rio Eterno”*, em especial sobre a temática direção de arte.

Brenna Pacheco e Pedro Simonard são autores que adentraram em uma comunidade remanescente de Quilombo com uma câmera na mão e ideias para serem registradas – e dar luz a uma invisibilização de gênero a ser reparada. É o que nos contam a partir do texto, intitulado **“A MULHER INVISÍVEL: O CASO DA MATRIARCA DE UMA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS EM ALAGOAS”**.

Carlos Guilherme Vogel, por duas vezes, expande os horizontes cinematográficos. Primeiro, ao apresentar uma discussão sobre um gênero de filme que explode as fronteiras entre o retrato do real e o ficcional: **O MOCKUMENTARY (MOCKUMENTARY: O FALSO DOCUMENTÁRIO NA NARRATIVA SERIADA CONTEMPORÂNEA)**. E, em sequência, também, por convidar o leitor a conhecer tendências, a partir de uma análise da SÉRIE **SENSE8: ALTERIDADE E FICÇÃO FILOSÓFICA NA NARRATIVA SERIADA CONTEMPORÂNEA**, situada na Netflix, uma plataforma de streaming, verificando, ainda, o que aquela produção traz sobre reflexões filosóficas da contemporaneidade.

Ana Luiza Leite e Dimitria Karine de Oliveira, em sua produção, levantam o véu de uma narrativa por vezes encoberta pela indústria cinematográfica: a de que *Lolita* é uma obra sobre pedofilia e não um romance entre um homem mais velho e uma adolescente. É o que se verifica em **INSPIRAÇÃO LOLITA: UMA ANÁLISE SOBRE A ROMANTIZAÇÃO MIDIÁTICA**.

João Gabriel Costa, a partir de seu texto **“A INFLUÊNCIA DA PATERNIDADE NAS OBRAS DE STEVEN SPIELBERG: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS FILMES E.T. – O EXTRATERRESTRE E A.I. – INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL** faz reflexões sobre como tornar-se pai transformou o olhar do diretor para o retrato da infância e das relações entre pais e filhos”. Também, leva os/as leitores/as aos questionamentos sobre o que é ser pai, como ser criança, ao analisar essas figuras nos filmes, objetos de estudo.

O QUE SE VÊ AO VER UMA IMAGEM CINEMATOGRAFICA? Em uma abordagem filosófica, Marcus José de Souza mostra que a resposta à pergunta do título não é tão simples quanto pode parecer, ao recorrer a jogos de linguagem para entender o que a imagem significa.

Em **“CINEMA, HISTÓRIA E RESSIGNIFICAÇÃO DE IMAGENS: OLHARES SOBRE ‘CABRA MERCADO PARA MORRER’, DE EDUARDO COUTINHO”**, somos presenteados pelo resgate histórico da produção de *Cabra Mercado Para Morrer*, feito pelos autores Ingrid Rodrigues Silva e Maykson Douglas da Silva. Ambos mostram as transformações de um processo cinematográfico brasileiro afetado pela Ditadura Militar.

Em Paula Berle Melo, nos é mostrado como o cinema vem trazendo perspectivas renovadoras para retratar as mulheres negras. É a temática dissecada a partir do texto desta autora, intitulado **AUTOESTIMA DA MULHER NEGRA NO CINEMA: RESSIGNIFICAÇÕES E NOVAS FORMAS DE RETRATAÇÃO**.

"Conversando" com o trabalho de João Gabriel Costa, Taís da Cruz traz em seu texto, **A (RE) CRIAÇÃO DA INFÂNCIA NA SOCIEDADE MIDIÁTICA E SUAS REPRESENTAÇÕES NO AUDIOVISUAL**, exemplos do cinema contemporâneo que mostram as possibilidades e abordagens da temática infância reinventada.

As produções textuais de abordagens cinematográficas de 2018 finalizam-se com o artigo **“NOTAS SOBRE O CINEMA EXPERIMENTAL”**, de Tiago Penna, no qual é abordado o que vivencia o cinema experimental e lança novas luzes a esse gênero cinematográfico.

No ano de 2019, o CIRCUITO PENEDO DE CINEMA selecionou 11 trabalhos para serem apresentados naquela edição. Leonardo Teles, autor do texto **“A PRODUÇÃO DA HISTÓRIA NO DOCUMENTÁRIO ‘RETRATOS DE IDENTIFICAÇÃO’**”, esmiúça a construção da película de Anita Leandro quanto às técnicas de pesquisa e de documentos utilizados na produção, evidenciando como a obra, além de cinematográfica, também faz parte da controversa historiografia brasileira sobre o período da Ditadura Militar.

Em **“UMA ANÁLISE MULTIMODAL DO FILME ‘BRANCOS ELEFANTES’: UMA ADAPTAÇÃO FÍLMICA DO CONTO ‘HILLS LIKE WHITE ELEPHANTS’**”, as autoras Sara Mabel Ancelmo Benvenuto e Isabela David de Lima Damasceno buscam compreender o que constitui uma obra audiovisual, por meio da semiótica social e dos níveis de análise fílmica. Elas esboçam uma proposta de aguçar os olhares das pessoas que pretendem avaliar filmes com mais criticidade.

O texto **“LIBREFLIX: A CULTURA COLABORATIVA DO AUDIOVISUAL NUMA PLATAFORMA DE STREAMING,”** de Jamerson dos Santos Farias Soares, convida-nos a refletir sobre o colaborativismo no campo do audiovisual a partir do *streaming* Libreflix. O texto detalha o surgimento desse serviço, os princípios, os critérios de seleção de obras para o catálogo e de que forma ele faz frente aos grandes aglutinadores de conteúdo via plataformas digitais, como a Netflix.

Em conexão com o trabalho anteriormente tratado, Taís Moreira Mendes da Cruz traz, com **“NOVAS FORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS PELA CONFIRMAÇÃO DO EU NO CIBERESPAÇO: INSTAGRAM, SELFIE E COMUNICAÇÃO”**, as sociabilidades de juventudes por meio das redes sociais, com foco no Instagram e seus *stories*, a fim de apresentar trajetórias juvenis e formas de se relacionarem em ambiente virtual.

Fechando, por assim dizer, a tríade de “tecnologia”, temos **“A CRÍTICA CINEMATOGRAFICA NA INTERNET: ESTUDO DE CASO JOVEM NERD”**, texto de Jônatas de Sousa Silva Pereira e Vanessa Avelar Barreto, em que o website e canal do YouTube em questão são utilizados como exemplos para análise da crítica cinematográfica na Internet, destacando os diferenciais de tais suportes, como o uso de memes, criando, assim, uma partilha de identidades culturais com as pessoas que acessam os conteúdos por lá veiculados.

O bloco de apresentações com temática racial trouxe as seguintes produções. **“POR UMA CRÍTICA DE CINEMA AFROCENTRADA”**, o autor Alex Santana França critica a tradição brasileira em utilizar perspectivas eurocêntricas para a crítica cinematográfica. Ele propõe que se passe a recorrer a outros repertórios analíticos e referenciais como os afrocentrados, predominantemente adotados para filmes africanos e afro-diaspóricos.

Em **“PROJETO CINE AXÉ: O CINEMA E OS SABERES”**, David William Gomes dos Santos e Juliana da Silva Alves de Sena, trazem uma iniciativa alagoana - maceioense em especial, desenvolvida em parceria com a Universidade Federal de Alagoas no contexto de escolas e outras instituições da rede pública da cidade. Com entrevistas a mediadores e observadores das sessões de cinema veiculadas, o artigo aponta como o projeto aliou o lúdico e com a reflexão social para refletir questões sobre preconceito racial.

Na trilha de projetos desenvolvidos no âmbito da educação, seguimos com **“CONTEÚDOS AUDIOVISUAIS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)”**, de Jeferson Conceição

Santos e Fernando Porfírio Lima, em que os autores apresentam a proposta desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano) de recorrer ao audiovisual como estratégia pedagógica de mediação dos conteúdos ministrados em sala de aula.

Nos cruzamentos de educação e afrobrasilidades, **“CINEMA E EDUCAÇÃO: UM CAMINHO PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI 10.639/2003”**, Luciana Dias Andrade, mostra, a partir dos filmes *Hotel Ruanda* (2004) e *Diamante de Sangue* (2006), como é possível contribuir para a implementação da mencionada lei em contexto de sala de aula, mediante o Ensino da História Afro-Brasileira e Africana nos currículos de educação básica.

“CICLO (ARTHUR CAVALCANTE, 2013): RELATO DE EXPERIÊNCIA”, de Arthur Luiz Cavalcante de Macêdo, é uma viagem enriquecedora pelos processos criativos do cineasta e pelas técnicas por ele utilizadas na composição de sua obra em animação. O autor também dar enfoque sobre as estratégias de atração do público espectador.

Ao final da apresentação de trabalhos em 2019, Luciana Oliveira Vieira, em seu texto **“CINEASTAS NEGRAS: PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA E POLÍTICAS DA COLETIVIDADE,”** investiga a produção cinematográfica de cineastas negras e suas políticas de coletividade num contexto de baixo orçamento para o Cinema Negro no Brasil, mostrando o que querem as mulheres negras com uma câmera na mão.

Em 2020, ainda que no contexto da pandemia de Covid-19, tivemos cinco trabalhos apresentados na edição virtual do circuito. Sóstenes Mauricio Noronha Bezerra trouxe em seu texto **“QUANDO A HISTORIOGRAFIA ENCONTRA A NARRATIVA CINEMATOGRAFICA: UMA ANÁLISE DO FILME A BRUXA”** a maneira que a pesquisa histórica pode trazer consequências nas decisões estéticas do audiovisual. Suas reflexões tiveram como base o filme “A Bruxa”, levando em consideração que a referida obra utiliza fontes históricas, ambientadas e produzidas de forma peculiar e particular.

Em **“COMMUNITY: A REVERÊNCIA E A CRÍTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL ATRAVÉS DO GÊNERO CINEMATOGRAFICO”** Leonardo Martinelli acerta ao relacionar um tema tão amplo que é a indústria cultural com a série acima como forma de visualizar práxis e discussão teórica. A série da mesma forma em que possui sua reverência à indústria cultural em suas constantes releituras de obras de gênero, também é crítica de seus formatos, provocando subversões narrativas e estéticas. Por pressuposto, ao passo que gera uma “antígona” crítica internamente, também homenageia a indústria cultural.

Em “**O ILÊ É SAGRADO: CANDOMBLÉ E MEIO AMBIENTE EM *BESOURO***”, as autoras Maria Viviane de Melo Silva e Natália Gabriela Barbosa Dill refletem sobre a relação entre o meio ambiente e o candomblé. Destacam situações e simbologias trazidas a partir de suas análises do filme capitular. Ambas demonstram domínio tanto do campo histórico como da análise fílmica por meio do gênero cinematográfico. Além da relação da temática do filme com as questões interligadas a educação ambiental e a religiosidade do candomblé, são notórias as afirmações de que na religião de matriz africana há uma práxis pela transformação dos seres humanos em busca de uma visão cosmológica. Tal prática religiosa apresenta uma entrelaçada necessidade simbiótica entre sociedades e educação ambiental, algo imprescindível e ainda muito distante nas sociedades atuais.

Levando em consideração a mudança da sociedade e do modelo de ensino brasileiro, Márcia Regina Galvan Campos faz um entrelaço entre o audiovisual e a educação, ao abordar a necessidade de formação dos docentes para a utilização do audiovisual em sala de aula, a partir do seu texto “**LEI 13.006/2014 E A FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA O TRABALHO COM O CINEMA**”. Ela nos faz perceber a dificuldade ainda latente em docentes e coordenações educacionais quanto à utilização do audiovisual em sala de aula e à interdisciplinaridade que aquela práxis ocasiona, bem como a falta de conhecimento sobre fazer uso dessa ferramenta que é repleta de possibilidades e construções no ambiente escolar.

Em “**CARTOGRAFIA SONORA DO CAMPUS DA UFRB: UM UNIVERSO DE SENTIDOS**”, Jeferson Conceição Santos traz a contemporaneidade contemplada a partir de paisagens sonoras cuja importância é reconhecida no cinema/audiovisual, mesmo que ainda pouco pesquisada no Brasil. É evidenciada a sensibilidade na escolha do relato de experiência local articulada a reflexões teóricas do autor.

Agradecemos a cada autor e autora pelas submissões de trabalhos realizadas; a pareceristas pelo olhar atento e cuidadoso com os textos avaliados para que estivessem aprimorados. E a você que nos lê, pela apreciação de reflexões sobre a Sétima Arte trazidas ao longo das últimas edições do Circuito Penedo de Cinema.

Boa leitura!

Equipe Organizadora do Evento.